

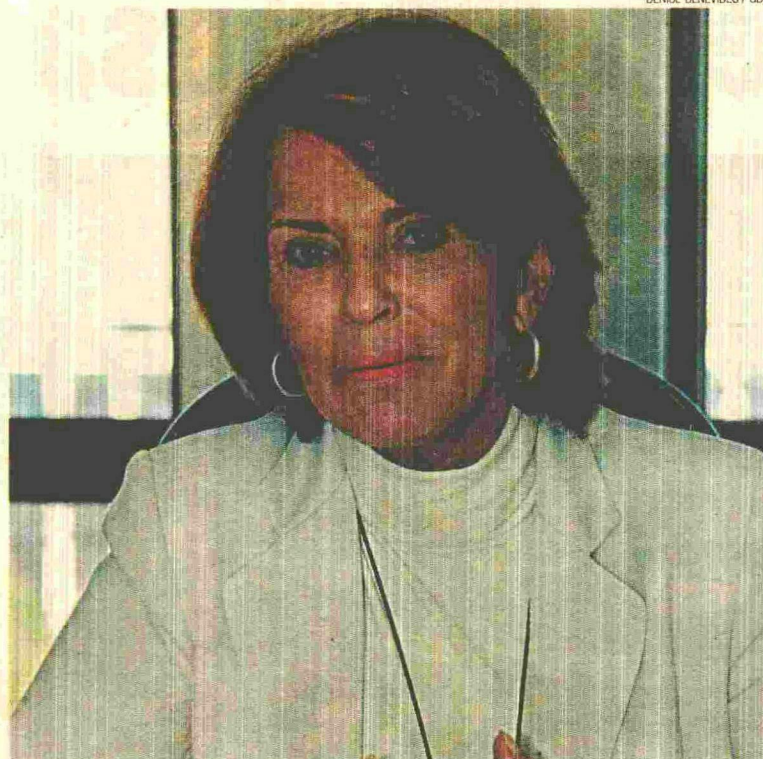
# Educação deficitária

Desempenho ruim de escolas públicas no Ideb contrasta com o alto investimento

KENNIA RODRIGUES

**O** baixo desempenho das escolas públicas do DF no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgado ontem pelo Ministério da Educação, preocupa o governo local. Cerca de 80% dos colégios da rede pública na capital tiraram notas abaixo de cinco no exame nacional. Apenas uma das 103 escolas públicas com turmas de 5ª a 8ª séries e três das 259 de 1ª a 4ª séries tiveram nota maior que seis no índice. A meta a ser atingida até 2021 – estabelecida pelo Plano de Desenvolvimento da Educação – é nota seis para os anos iniciais do ensino fundamental; 5,5 para os finais e 5,2 para o ensino médio.

Para a secretária de Educação do DF, Maria Helena Guimarães, esse resultado já era esperado. Há três principais motivos para o mal desempenho: alto índice de repetência, atraso escolar (distorção idade/série), e falta de equidade no sistema escolar (diferença de qualidade na infra-estrutura entre as escolas). “A repetência no DF está mais alta que até



DENISE BENEVIDES / GDF

**Para Maria Helena, problemas estão relacionados à migração**

muitos estados do Nordeste”, disse. “Professores acham que reprovar é bom para a qualidade do ensino. Mas não é, porque quanto mais o aluno reprova, mais ele desanima, perde a auto-estima”, esclareceu.

O índice de repetência no DF é de 30%, enquanto nas escolas particulares é de 10%. Para Maria Helena, esse resultado é consequência da migração ocorrida nos últimos anos no DF. “Aqui, o ingresso na escola se tornou tardio, pois as famílias chegam com filhos que não estudam”, justificou. “Tem crianças que entram com dez anos no colégio. Isso é ruim, porque o material didá-

tico para as primeiras séries não é adequado a esta idade.”

Diante do quadro, o GDF pretende adotar medidas para mudar a situação. Uma delas é a redistribuição dos alunos nas escolas para diminuir o abismo na desigualdade de oferta de vagas. Em Ceilândia, por exemplo, há 84 mil alunos para 90 escolas, enquanto no Plano Piloto 39 mil ocupam 113 colégios. “As escolas do Plano têm uma certa ociosidade. Em São Sebastião, há turmas de 1ª série que têm 45 alunos, enquanto há colégios no Plano que tem nove”, disse. “Para o próximo ano, nossa meta é colocar, no máximo, 30

alunos nas primeiras séries do ensino fundamental e 35 nas turmas de 5ª a 8ª séries.”

Outro objetivo é resolver o problema do atraso nas séries colegiais. No DF, 32% dos alunos estão defasados na vida escolar. Conforme a secretária, uma parceria com o programa “Se Liga”, do Instituto Ayrton Senna, está em execução desde abril para solucionar o impasse. Oito mil estudantes recebem aulas de alfabetização no contra-turno das aulas. A idéia é acelerar a aprendizagem. “Queremos estender a iniciativa a toda a rede pública. Cerca de 26% de alunos não são bem alfabetizados.”

Quanto ao alto índice de reprovação, Maria Helena disse que é preciso fornecer reforço escolar. Há ainda outras iniciativas propostas pela secretaria, como universalizar a matriz curricular nas escolas, implantar auxiliares de professores, aumentar a carga horária escolar, criar programa de música, dobrar ofertas e creches.

O Distrito Federal gasta, em média, R\$ 6,2 mil por aluno/ano. “É o maior gasto do Brasil”, comentou a secretária de Educação. O Ideb mostrou que o alto investimento não garante a qualidade do ensino na capital. Minas Gerais, por exemplo, aplica pouco mais de R\$ 1 mil por ano nos alunos e apresentou as melhores notas no índice, juntamente com as regiões Sudeste e Sul.